


GOMA-ARÁBICA: PRODUÇÃO SAHELIANA, DEMANDA ATLÂNTICA, PODER SENEGAMBIANO (SÉC. XVII)

Gum Arabic: Sahelian Production, Atlantic Demand, Senegambian Power
(17th Century)

Felipe Silveira de Oliveira Malacco ^a

 <https://orcid.org/0000-0003-4773-9470>

E-mail: fmalacco@hotmail.com

^a Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

DOSSIÊ/ISSUE

MIGRAÇÃO LABORAL E PRODUÇÃO DE COMMODITIES NA ÁFRICA: CONEXÕES GLOBAIS

LABOR MIGRATION AND COMMODITY PRODUCTION IN AFRICA: GLOBAL ENTANGLEMENTS

RESUMO

Este artigo analisa a produção e comércio de goma arábica na região da Senegâmbia, destacando o papel dos poderes políticos locais na condução das transações comerciais com os agentes atlânticos e com agentes comerciais de outras regiões do continente africano, baseado nas reflexões de autores como Philip Curtin e James Weeb e utilizando como fontes primárias, relatos de viagem produzidos no século XVIII. A commodity, extraída de árvores de acácia, era uma mercadoria versátil utilizada na Europa e na África para diversos fins, desde a manufatura têxtil até a fabricação de alimentos e medicamentos. Agentes saarianos traziam a goma para os portos do rio Senegal, onde era comercializada com europeus. Embora os poderes senegambianos não estivessem envolvidos diretamente na produção da goma, eles se beneficiavam do comércio em seu território, impondo taxas e impostos aos comerciantes saarianos e atlânticos. A complexa dinâmica comercial entre agentes atlânticos e africanos vai além do comércio de escravos, e a goma-arábica destaca-se como uma importante mercadoria no comércio atlântico na África Ocidental durante a Era Moderna. Com esta análise, busca-se revelar a influência dos poderes políticos locais na condução do comércio atlântico e evidencia a importância econômica da goma-arábica na região, bem como sua relevância como um produto de comércio internacional.

PALAVRAS-CHAVES

Goma-Arábica. Senegâmbia. Comércio.

ABSTRACT

This article analyzes the production and trade of gum arabic in the Senegambia region, highlighting the role of local political powers in conducting commercial transactions with Atlantic agents and commercial agents from other regions of the African continent, based on the reflections of authors such as Philip Curtin and James Weeb and using travel reports produced in the 17th century as primary sources. The commodity, extracted from acacia trees, was a versatile commodity used in Europe and Africa for various purposes, from the textile manufacture to the production of food and medicines. Saharan agents brought the gum to the ports of the Senegal River, where it was traded with Europeans. Although the Senegambians powers were not directly involved in the production of the gum, they benefited from the trade in their territory by imposing fees and taxes on Atlantic and Saharan traders. The complex commercial dynamics between Atlantic and African agents go beyond the slave trade, and gum arabic stands out as an important commodity in Atlantic trade in West Africa during the Modern Era. With this analysis, the aim is to reveal the influence of local political powers in conducting Atlantic trade and highlight the economic importance of gum arabic in the region, as well as its relevance as a product of international trade.

KEYWORDS

Gum Arabic. Senegambia. Trade.



Este artigo visa evidenciar a produção de goma-arábica na África Ocidental, especificamente na região do Sahel; como essa produção encontrou vazão na demanda de comerciantes atlânticos, mormente franceses, e como os poderes senegambianos se aproveitaram desta relação comercial. Essa demanda europeia pela goma-arábica advinha, sobretudo, de seus diversos usos no processo de industrialização da Europa. O argumento central é que os poderes políticos locais senegambianos conseguiam ganhos econômicos na troca de *commodities* com agentes atlânticos, mesmo quando não possuíam ingerência na produção das mesmas. Embora o argumento de que os poderes políticos africanos possuíam preponderância perante os europeus nas transações atlânticas no início da era moderna já seja um ponto pacífico na historiografia especializada (Thornton, 2004), não se pode dizer o mesmo sobre como esses poderes políticos locais agiam perante as redes locais de comércio, em especial quando as trocas comerciais envolviam especificamente a goma-arábica.

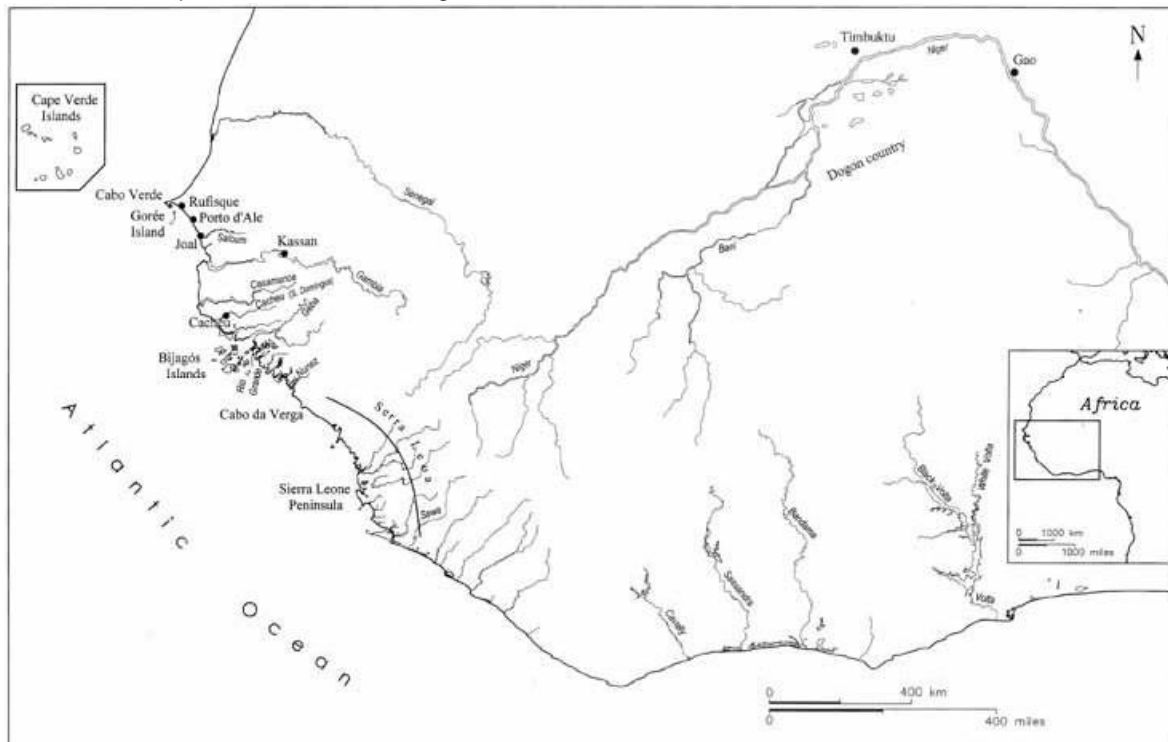
Isso evidencia a preponderância do poder político senegambiano não apenas perante agentes atlânticos, mas também para outras regiões da África, mostrando como grupos políticos locais conseguiam se fortalecer a partir das variadas demandas de uma economia-mundo que ia se consolidando na Era Moderna. Assim, pensamos, de maneira articulada, a produção no Sahel, a demanda europeia e a apropriação do comércio goma-arábica pelos poderes senegambianos. A proposta aqui se encaixa na definição que Alexander Gebara e Leonardo Marques dão para a História das Mercadorias, de superar o que chamaram de nacionalismo metodológico: “ao propor que se percorra todas as etapas da existência histórica de uma mercadoria, a história das mercadorias nos permite superar o contraste entre dinâmicas ‘internas’ e ‘externas’; assim “ela oferece uma oportunidade para análises integradas de processos ecológicos, econômicos, políticos, geopolíticos e socioculturais” (Gebara; Marques, 2023, p. 14).

Assim, acreditamos que ao estudar a dinâmica de produção, de comércio e de consumo de mercadorias em específico, não leva, necessariamente, a ignorarmos o papel dos estados e das sociedades. Conforme argumentado por Steven Topik, Carlos Marichal, e Zephyr Frank (2006, p. 9), “vemos os mercados não como leis naturais que se impõem aos humanos, mas antes como construções humanas que são determinadas por valores e instituições sociais e políticas”.¹

Para isso, é importante evidenciar o que entendemos por Senegâmbia. Trata-se de uma região na África Ocidental limitada pelo rio Senegal ao norte; pelo Futa Toro e Futa Djallon a leste; Serra Leoa ao sul, e o Oceano Atlântico a oeste. O que confere um certo grau de unidade à região são as mais diversas rotas de comércio que interligam diferentes espaços, fazendo da Senegâmbia um espaço de complementariedade e transição (Dias; Horta, 2007; Malacco, 2023).

¹ Tradução nossa: we see markets not as natural laws that impose themselves on humans but rather as human constructs that are determined by social and political values and institutions.

Mapa 1 - A Grande Senegâmbia/Guiné do Cabo Verde no Noroeste Africano



Fonte: Horta; Mark (2011).

Neste artigo, trataremos da parte mais setentrional da Senegâmbia, a margem norte do rio Senegal. Isso porque era para lá que comerciantes levavam a goma-arábica para ser trocada por diversas mercadorias oferecidas pelos agentes atlânticos,² uma vez que o produto era recolhido no Sahel e, por proximidade geográfica, são estes portos os locais onde a mercadoria era mais comumente encontrada no mercado senegambiano. Para isso, utilizaremos relatos de viagens produzidos por agentes atlânticos ao longo do século XVII como fontes primárias para nossa análise, em conjunto com uma historiografia especializada sobre as trocas comerciais na África Ocidental.

O povo senegambiano que habitava a região eram os Wolof ou Jalofo – grafia que aparece mais comumente nas fontes de língua portuguesa e que, portanto, será utilizada neste artigo. Esses povos se organizavam em uma espécie de confederação de unidades políticas, chamadas Caior, Baol, Saalum, Ualo e Siin e eram coordenadas por um poder central, o Gran-Jalofo, localizado no interior senegambiano, próximo ao Futa Toro. Os Jalofo passaram a ter contato direto com agentes atlânticos desde 1440, e essa presença comercial estrangeira na costa mudou a correlação de forças. Antes do advento do comércio atlântico, o poder econômico e político era localizado no anterior, com o Gran-Jalofo controlando politicamente a região costeira. Com a nova possibilidade comercial e consequente fortalecimento econômico das unidades políticas em contato direto com o comércio atlântico, como o Siin e o Caior (Barry, 2002; Boulègue, 2013). No caso da margem norte do Senegal, nos portos em que mais comumente se comercializava a goma-arábica, a unidade política jalofo era o Caior.

A *commodity* que trabalharemos neste artigo é a goma-arábica. Ela é uma mercadoria com muitas utilidades. Atualmente, encontramos referências científicas para o uso do produto no processamento de extrato de erva-mate, com adição de goma-arábica

² A utilização da nomenclatura “agentes atlânticos” neste trabalho é para se referir a comerciantes, majoritariamente europeus, que comercializavam na Senegâmbia a partir dos seus portos atlânticos. Utilizamos este termo porque, para este trabalho, as informações sobre de onde no continente europeu vinham estes agentes não é relevante.

(Valduga *et al.*, 2003), no auxílio da inoculação de nitrogênio na terra quando se utiliza material biodegradável inerente aos restos de cana de açúcar após a produção de açúcar e álcool que advém desta cultura (Silva *et al.*, 2009), na otimização das condições de processo de secagem de polpas de frutas com alto teor de açúcar (Krumeich *et al.*, 2016), e na estabilização tartárica do vinho, processo químico necessário para engarrafa-lo (Marinho *et al.*, 2016). Importante salientar que entidades internacionais como o Banco Mundial e a Organização Educacional, Científica e Cultural do Mundo Islâmico (ICESCO), tem tratado a goma-arábica como mercadoria que pode contribuir sensivelmente para o desenvolvimento econômico de países sahelianos como a Mauritânia, incentivando o manejo sustentável da *commodity* (Ribeiro, 2023, p. 12).

Na Europa da Era Moderna, encontramos referências para o uso da goma-arábica no processo de transformação do açúcar para criar cenas decorativas com alimentos (Stols, 2004, p. 249-250; Strum, 2014, p. 271). Há também pesquisas que evidenciam a utilização da goma-arábica para “enrijecimento de chapéus, a preparação de alimentos e a preparação de cola, cosméticos, papel e tinta” (Ribeiro, 2023, p. 9). Na historiografia africanista especializada, Idrissa Bah argumenta que a goma-arábica, para além de sua utilização na indústria têxtil, também tinha utilidades na indústria farmacêutica da Europa na Era Moderna (Bah, 2020, p. 347). Sendo um produto de tantas utilidades, James Webb afirma que agentes atlânticos importavam cerca de cinco a seis mil toneladas de goma-arábica por ano (Webb, 1985, 149). Com relação a seus usos na Senegâmbia, em recente monografia, Lucas Ribeiro argumenta que as “sociedades oeste-africanas utilizavam [a goma-arábica] tradicionalmente para engrossar bebidas, envernizar paredes de barro, pinturas em madeira, preparar alimentos, produzir cola, cosméticos e, até mesmo, tratar certas enfermidades, como a diarreia” (Ribeiro, 2023, p. 8). Importante ressaltar, contudo, que os estudos de Ribeiro estão inseridos em outra temporalidade, na virada do século XVIII para o XIX. Para o século XVII, com embasamento nas fontes que dispomos até então, é importante ressaltar que o uso da Goma Arábica internamente à Senegâmbia era majoritariamente na forma de alimentos e enquanto medicamento.

Apresentamos a definição do espaço, bem como o contexto interno senegambiano, e a importância da goma arábica enquanto mercadoria e matéria prima para os europeus no início da Era Moderna. Nos próximos tópicos argumentaremos sobre a forma de produção da *commodity* na Senegâmbia, bem como seu uso interno à região, além de entender como os jalofo do Caio, ainda que não se envolvessem na colheita e beneficiamento da goma, tinham agência importante nas transações comerciais entre os comerciantes saarianos que traziam a goma arábica do Sahel e vendiam aos agentes atlânticos nos portos do rio Senegal.

A PRODUÇÃO DE GOMA-ARÁBICA NO SAHEL E SEUS USOS

A goma-arábica era encontrada no Sahel. Trata-se de uma palavra de origem árabe que significa “borda” ou “margem”, que atravessa o continente africano do Oceano Atlântico ao Mar Vermelho. Ao Norte, está o deserto do Saara e ao Sul as zonas de savana. Trata-se, efetivamente, de uma zona de transição e separação entre estes dois domínios morfoclimáticos.

A forma de acesso à goma-arábica era o extrativismo e, no caso daquela comercializada nos portos do rio Senegal, eram produzidas em uma região específica do Sahel. Conforme elucidado por Philip Curtin (1975, p. 216), “a goma era produzida apenas em uma parte restrita da Senegâmbia. Provém de várias espécies de acácias, sendo a mais

importante a Acácia Senegal, que cresce ao longo da orla sul do Saara”.³ François Froger, em 1698, evidencia este local de produção, quando informa que o norte do Caioir “é habitado por mouros, que vêm dos desertos do Saara por caravanas, e que todo o comércio da goma carregam em seus camelos” (Froger, 1698, p. 16-17).⁴ Jacob Le Marie, também em 1695, escreveu que estes “mouros” “a colhem nos desertos da Líbia Interior. Ela cresce nas árvores que a carregam, como a que vem para cerificadores e ameixas na França. Eles vendem um mês ou seis semanas antes da inundação do Níger” (Marie, 1695, p. 72-73).⁵

Infelizmente, é pouco evidente nas fontes e historiografia exatamente quem eram estes “mouros”. Trata-se de uma palavra de cunho pejorativo, proferida por europeus, para designar muçulmanos. Sobre os comerciantes que faziam o comércio saariano, enquanto Edward Bovill afirma que a estrada Sijilmassa-Walata que leva às áreas auríferas do Senegal e do alto Níger era controlada pelos Tuaregs (Bovill, 1958, p. 52), John Wright afirma que a ligação com estas áreas era controlada pelos Berberes (Wright, 2007, p. 17). Foi na companhia de nômades do deserto que Ibn Batuta percorreu o caminho entre de Sijilmassa, Taghâza e Walâta. O viajante afirma que as caravanas só viajavam sob a proteção de tribos berberes (Batuta, 2010, p. 972). De qualquer maneira, sobre os agentes que vendiam a goma-arábica nos portos do rio Senegal, não há indícios diretos que nos permita afirmar se eram tuaregs ou berberes ao longo dos 1600.

Independente deste melhor entendimento sobre quais agentes levavam a goma para comercializar no rio Senegal, fato é que sua importância econômica era evidente e a *commodity* tinha usos na Europa e usos internos às sociedades africanas. Ralph Austen (2010, p. 47) afirma que:

A goma arábica duplicou até certo ponto o papel do ouro ao desviar o comércio do Saara. Esta resina veio de árvores de acácia na Mauritânia, ao norte do rio Senegal, onde o Saara encontra o Oceano Atlântico. De acordo com uma tradição oral local, os europeus aprenderam pela primeira vez sobre o valor da goma arábica em Gibraltar, onde conheceram um jovem mauritano que atravessou o deserto para buscar aprendizado muçulmano e disse que permaneceu saudável seguindo o conselho de sua mãe “comer três pedaços antes de cada refeição. Esse relato capta o apelo inicial e limitado da goma arábica tanto no mundo islâmico quanto no ocidental como alimento, remédio, cosmético e componente de atividades manufatureiras. A demanda entre os europeus explodiu em 1700, quando começaram a fabricar tecidos de algodão em competição com a Índia e precisavam de goma arábica para produzir as cores vibrantes necessárias. O aumento subsequente nas exportações de goma proporcionou uma grande renda para os povos que vivem na orla do Saara, e foi exportado para o exterior quase inteiramente por navios do Atlântico e não por caravanas do deserto.”⁶

³ Tradução nossa: But gum was produced only in a restricted part of Senegambia. It comes from several different species of acacia, the most important of which is the Acacia Senegal, growing along southern fringe of Sahara.

⁴ Tradução nossa: Est habité par des Maures, qui y viennent des Deserts du Zaara par Caravanes, & qui sont tout le Commerce de la Gomme dont ils chargent leurs Chameaux.

⁵ Tradução nossa: C'est de ces Maures que nous avons la Gomme Arabique. Ils la cueillent dans les deserts de la Lybie interieure. Elle croît aux Arbres qui la portent, comme celle qui vient aux Cerifiers & aux Pruniers en France. Ils la viennent vendre un mois ou six semaines avant l'inondation du Niger. On leur donne en échange du Drap bleu, de la Toile de la même couleur, & quelque peu de Fer. Ils viennent de cinq & six cent lieues dans les terres pour apporter, l'un un demy quintal de Gomme Arabique, & l'autre plus ou moins. Ils sont tous nus sur leurs Chameaux, Chevaux & Boeufs, dont ils se servent aussi souvent à porter leurs marchandises. Le plus considerâbles d'entr'eux ont une espece de Manteau fait de peau fourée, qui ressemble assez a la Chappe de nos Chantres. Les autres n'ont qu'une méchante piece de cuir qui cache leur nudité. Ils ne se nourrissent tous que de lait & de Gomme qu'ils font dissoudre dedans.

⁶ Tradução nossa: One such item, gum arabic, duplicated to some extent the role of gold by diverting trade from the Sahara. This resin came from acacia trees in Mauritania, north of the Senegal River where the Sahara meets the Atlantic Ocean. According to a local oral tradition, Europeans first learned about the value of gum arabic in Gibraltar, where they met a

Pela análise de Austen (2010), percebemos importantes fatores: em primeiro lugar, que a goma-arábica possuía tamanha importância que era uma mercadoria que podia aumentar os lucros de caravaneiros do deserto que transportavam mercadorias de alto valor agregado, como o ouro; em segundo lugar, que a goma-arábica tinha os mais variados usos nas sociedades saarianas e na África Ocidental, sendo usada de alimento a remédio, de cosmético até matéria-prima em manufaturas; finalmente, em terceiro lugar, que a demanda atlântica pela *commodity* elevou ainda mais sua importância econômica.

Os indícios de todos estes usos e da importância da goma-arábica são abundantes nas fontes primárias. Como dito, internamente, a goma arábica era utilizada como alimento. Conforme argumentamos em citação anterior do texto de Ralph Austen, existem tradições orais do norte de África que afirmam que a força para agentes caravaneiros conseguirem atravessar o deserto do Saara adivinham do consumo da goma (Austen, 2010, p. 47). E este consumo da goma-arábica por parte de agentes saarianos é atestado nas fontes que consultamos, assim como de outros alimentos, nomeadamente o amendoim. De acordo com Michel de La Courbe, agente atlântico que escreve um relato em 1685, descrevendo a compra de grandes quantidades de goma-arábica, afirmou que “como eles [agentes caravaneiros que traziam a goma] eram obrigados a alimentar aqueles a quem pertenciam, porque não traziam nada para comer, perguntei, portanto, como eles conseguiam sobreviver. Eu aprendi que eles vinham comendo a goma, sempre com uma bola na boca” (La Courbe, 1685, p. 158-159).⁷ Jacob Le Marie descreve também este costume de se alimentar de leite misturado com goma (Marie, 1695, p. 72-73).

La Courbe também descreve a utilização da goma-arábica com fins medicinais. De acordo com o agente atlântico, “os Mouros, sabendo que eu estava doente, vieram me visitar e me ensinaram um remédio que costumam usar em tais ocasiões: é esmagar a goma, dissolvê-lo no leite e engolir um pouco quente, o que eu fiz desde aquele momento e me encontrei muito bem” (La Courbe, 1685, p. 166).⁸ Aqui podemos perceber que o agente atlântico não apenas afirmou sobre o uso interno da goma como medicamento, mas ele mesmo a utilizou, com sucesso, para este fim.

A mercadoria era levada por agentes saarianos para ser vendida a agentes atlânticos. Sua importância era tamanha que Philip Curtin enumera a goma-arábica como uma das mercadorias – em conjunto com marfim e couro – para seu argumento de que a Senegâmbia nunca foi uma região que teve seu comércio atlântico dependente exclusivamente da venda de pessoas escravizadas (Curtin, 1975, p. 3-4). André Almada, em 1594, afirma que ingleses e franceses compravam várias mercadorias, dentre elas a goma-arábica, de agentes wolofs no rio Senegal (Almada, 1594, p. 251). A mesma afirmação faz João Batista Lavanha, acrescentando os holandeses como compradores de goma-arábica de agentes locais no rio Senegal (Lavanha, 1600, p. 370).

young Mauritanian who had crossed the desert to pursue Muslim learning and said he remained healthy by following his mother's advice “to eat three pieces before each meal.”⁸ This account captures the early, limited appeal of gum arabic in both the Islamic and Western worlds as food, medicine, cosmetic, and a component of manufacturing. Demand among Europeans exploded in the 1700s, when they began manufacturing cotton textiles in competition with India and needed gum arabic to produce the needed vibrant colors. The subsequent rise in gum exports provided major income for peoples living on the edge of the Sahara, but it was exported overseas almost entirely by Atlantic ship rather than by desert caravan.

⁷ Tradução nossa: comme on étoit obligé de nourrir ceux à qui elle appartenait, parcequ'ils n'apportoient rien pour manger, je m'informay donc comment ils faisoient par le chemin pour vivre. J'appris qu'ils se nourrissoient de gomme, en ayant toujours une boule dans la bouches.

⁸ Tradução nossa: Les Maures, ayant sceu que j'estois malade, me vinrent rendre visite et m'enseignèrent un remède dont ils ont coutume de se servir en pareille occasion : c'est de piler de la gomme, de la faire dissoudre dans du lait et l'avaler un peu chaud, ce que j'ay expérimenté depuis et m'en suis fort bien trouvé.

É a partir da segunda metade do século XVII que a goma-arábica aparece com mais recorrência como mercadoria a ser comprada na Senegâmbia. Philip Curtin (1975, p. 215-216) explicita que:

Goma arábica, goma de acácia ou goma do Senegal foi um dos primeiros exóticos a serem importados regularmente para a Europa. Primeiro veio da Arábia e do Sudão nilótico, passando pelo Mar Vermelho e pelo Egito para o mundo mediterrâneo dos tempos clássicos, e os europeus o usaram quando puderam obtê-lo a partir de então, para fabricação de papel, doces e confeitaria, e a indústria têxtil. A goma da África Ocidental começou a substituir a goma oriental no século XVI, e a Senegâmbia gradualmente abasteceu cada vez mais o mercado até que, no século XVIII, tornou-se o único fornecedor significativo para a Europa.⁹

Deste excerto, percebemos que a goma era uma mercadoria já conhecida e utilizada na Europa desde a Idade Média. Porém, foi com o desenvolvimento da manufatura têxtil, que estava em expansão contínua ao longo do século XVII, que a mercadoria vai se tornando cada vez mais demandada. Em 1643, Claude Jannequin afirmou que comprou goma-arábica no rio Senegal (Jannequin, 1643, p. 66-67). Francisco Lemos Coelho afirma que naus francesas compravam muita goma-arábica no rio Senegal e na cabotagem que faziam em Rufisque, Porto D'Ale e Jola (Coelho, 1669, p. 8). Nicolas Villault também afirma sobre a compra de goma-arábica na Costa dos Jalofo, principalmente em Rufisque (Villault, 1669, p. 59). Estes vastos indícios de compra da *commodity* no rio Senegal, mormente por agentes franceses, elucidam a importância econômica da goma para a África Ocidental e a grande demanda europeia pela mercadoria. Como veremos no próximo tópico, seu comércio não mobilizava apenas os jalofo do Caior, mas também agentes comerciais sahelianos, que levavam a mercadoria até os portos fluviais no rio Senegal e aos portos atlânticos.

REDES INTERNAS E REGULAÇÃO JALOFA

Dentre as fontes que consultamos para a escrita deste artigo, Michel de La Courbe é a principal fonte de informações sobre a compra de goma-arábica por agentes atlânticos na Senegâmbia. Afirmando que a mercadoria era uma das que poderiam ser obtidas no rio Senegal (La Courbe, 1685, p. 29), o agente atlântico explicita que era no local próximo a uma localidade chamada Terra Vermelha, no médio curso deste rio, o local de encontro com caravanas de agentes saarianos que traziam as mercadorias. De acordo com La Courbe (1685, p. 145-146):

Tendo enviado imediatamente o Sr. de Ronsy [agente atlântico que era subalterno à La Courbe] de volta à Terra Vermelha, para continuar o comércio de goma, peguei o caminho para o Deserto onde, tendo chegado, escolhi um local adequado para a minha escala. Este lugar é apropriadamente chamado de deserto, pois é uma grande planície estéril, que tem para cada árvore apenas uma grande árvore latente plantada na beira do rio; é limitado a pequenas colinas de areia vermelha, nas quais

⁹ Tradução nossa: Gum Arabic, gum acacia, or gum Senegal was one of the earliest of exotics to be imported regularly into Europe. It first came from Arabia and Nilotic Sudan, by way of the Red Sea and Egypt into the Mediterranean world of classical times, and Europeans have used it when they could get it from then on, for papermaking, candy and confectionary, and the textile industry. West African gum began to replace eastern gum in the sixteenth century, and Senegambia gradually supplied more and more of the market until, in the eighteenth century, it had become the only significant supplier to Europe.

aparecem alguns arbustos. É neste lugar que é costume tratar a goma arábica com os mouros.¹⁰

Pela descrição da vegetação do território, percebemos que se trata de uma zona de transição, entre o deserto e as zonas de savana. Michel de La Courbe afirma que estes “mouros” que traziam a goma arábica, traziam também couros¹¹ de animais que conseguiam abater em sua travessia (La Courbe, 1685, p. 147). O agente atlântico explicita como foi seu encontro com os agentes saarianos:

No dia 5 de abril, começamos a medir a goma, feita sem confusão, ao contrário do que ocorria normalmente; Cobrei então o que havia sido medido, para que os mouros ficassem muito felizes. Depois de apenas um dia chegou da goma. Vinham caravanas de dez, vinte ou trinta camelos, ou bois, com aqueles que os guiaram que é habitual alimentar até que tenham sido pagos. É um prazer vê-los chegar; Eles são feitos como criaturas selvagens com cabelo espetado, e tendo, na maior parte, apenas a pele de um bode que cobre seus traseiros. As mulheres são morenas e vestidas com pano preto; elas têm uma espécie de coroa na cabeça e tingem as bochechas e as unhas de vermelho; as meninas têm uma saia de pele cortada em tiras, com a largura de um dedo, e quando se movem dá para ver todas as coxas através dessa malha; seus cabelos estão presos em um pente no topo, e o resto é trançado pendurado por trás até a cintura, sendo diferente nisso das negras que os têm bem curtos e parecido com lã, e eles não são menos pintados que suas mães. Elas trazem, como eu disse, sua goma em sacos de couro de vaca sem costura, e por isso nos vendem alguns couros, com o qual também fazem sapatos e cordas. Quando medimos, só deixamos entrar quem tinha participação na venda do quintal, enquanto os outros olhavam. Quando não havia goma suficiente para encher o quintal, E quando não havia chiclete suficiente para encher o quintal, era um prazer vê-los discutindo sobre quem colocaria [mais goma]; Eles faziam estranhos gritos, posturas e contorções, e quando foram pagos, não tinham menor dificuldade em dividir seus panos entre eles (La Courbe, 1685, p. 151-152).¹²

¹⁰ Tradução nossa: Ayant aussitôt renvoyé le Sr. de Ronsy au Terrier rouge, pour y continuer la traite de gomme, je pris le chemin du Désert, ou étant arrivé, je choisis un lieu propre à faire mon escale. Cet endroit est bien nommé le Désert, car c'est une grande plaine stérile qui n'a pour tout arbre qu'un grand latanier planté sur le bord de la rivière ; elle est bornée, à perte de vue, de petites collines de sable rouge, sur lesquelles il paroît quelques arbustes ; c'est en ce lieu qu'on a coutume de traiter la gomme arabique avec les Maures.

¹¹ Importante ressaltar que o couro era a principal mercadoria exportada da Senegâmbia para o mundo atlântico entre os séculos XV e XVII (Malacco, 2019). Isto evidencia, em primeiro lugar, a diversidade de mercadorias de circulação atlântica que existiam na Senegâmbia. Em segundo lugar, mostra que é complexo proceder com separações específicas de *commodities* neste espaço, sem incorrer no risco de generalizações ou de criar padrões irreais. Afinal, em muitas das vezes, estes artigos eram vendidos em conjunto para os mesmos mercadores, não havendo necessariamente um comércio de uma mercadoria em específico.

¹² Tradução nossa: Le 5e avril, nous commençâmes à mesurer la gomme, ce qui se fit sans confusion, contre l'ordinaire; je fis payer ensuite ce qu'on avoit mesuré, en sorte que les Maures furent très contents. Depuis ce tems, il ne se passa point de jour qu'il n'arrivât de la gomme. Vous voyiez venir de loing des caravanes de dix, vingt ou trente chameaux, ou boeufs porteurs, avec ceux qui les conduisoient qu'on a coutume de nourrir jusqu'à ce qu'on les ayt payé. C'est un plaisir de les voir arriver ; ils sont faits comme des sauvages les cheveux hérissés et n'ayant, la plus part, qu'une peau de chèvre qui leur couvre le derrière. Les femmes sont de couleur olivastre et sont vestues de toile noire ; elles ont sur la teste une espèce de couronne et se teignent les joues et les ongles avec du rouge ; les filles ont une jupe de peau tailladée par lanières, larges d'un doigt et, lorsqu'elles remuent, on leur voit toutes les cuisses au travers de ce treillis ; elles ont les cheveux élevés en crête et le reste est natté pendant par derrière jusqu'à la ceinture, étant différentes en cela des négresses qui les ont fort court et comme de la laine, et elles ne sont pas moins fardées que leurs mères. Ils apportent, comme j'ay dit, leur gomme dans des sacs de cuir de boeuf sans couture, cela est cause qu'ils nous vendent peu de cuirs, outre qu'ils en font des souliers et des cordes. Lorsqu'on mesuroit, on ne laissoit entrer que ceux qui avoient part au quintal, pendant que les autres regardaient. Et quand il n'y avoit pas assez de gomme pour remplir le quintal, c'estoit un plaisir de

Deste excerto, percebemos características importantes. Os agentes que vendiam a goma-arábica vinham em caravanas, utilizando-se de camelos e bois para carregar as mercadorias, e eram fisicamente diferentes dos agentes com que La Courbe fazia comércio em outros portos do rio Senegal. Trata-se de uma descrição que evidencia que não eram agentes que habitavam a Senegâmbia às proximidades da Terra Vermelha, e sim de agentes que viviam no Sahel ou que faziam a travessia do deserto.

Além disso, estes agentes não vendiam a goma-arábica apenas nas margens do rio Senegal. De acordo com La Courbe, seu subalterno que havia sido deixado em Terra Vermelha quando foi se encontrar com os agentes saarianos não teve o mesmo sucesso que ele em adquirir grandes quantidades de goma-arábica, tendo obtido apenas cem quintais de marfim. Isto porque os agentes com que eles iam comercializar já haviam parado em Portandic, localidade na costa atlântica da atual Mauritânia, e comercializado a maior parte de sua goma-arábica e com agentes atlânticos holandeses que foram ao local (La Courbe, 1685, p. 175). De fato, Jacob Le Marie afirma que agentes portugueses, no momento que tiveram posse da ilha de Arguin, costumavam comercializar com “azenegues, árabes ou mouros” inúmeras mercadorias na costa atlântica do deserto, dentre elas a goma-arábica (Marie, 1695, p. 52). George Brooks afirma que com a construção de um forte na ilha de Arguim, que ficava a apenas seis quilômetros da costa, ainda no século XV, agentes atlânticos conseguiam manter um lucrativo comércio com agentes que viajavam pelas rotas saarianas, mencionando a goma arábica como uma das mercadorias que podia ser obtida (Brooks, 1993, p. 125).

O mesmo Le Marie afirma que uma das vantagens que os franceses tinham em ter construído o enclave comercial de Saint Louis no rio Senegal era a possibilidade de se comercializar a goma-arábica no local, e que o comércio movido pelos agentes atlânticos ali era muito lucrativo (Marie, 1695, p. 72-73). Com relação ao comércio atlântico de goma-arábica, acrescentamos ainda que para além do comércio da mercadoria na costa dos jalofo e no rio Senegal, também era possível encontrar a mercadoria nos portos do rio Nunez, que ficava muito ao sul do rio Senegal (Fields-Black, 2008, p. 46). Isto evidencia que agentes locais compravam a mercadoria nos portos saarianos e a levavam para diferentes pontos na Senegâmbia.

Não há indícios nas fontes que agentes senegambianos se deslocavam até as bordas do Saara para extrair a goma-arábica e levar para vender para agentes atlânticos nos portos fluviais e marítimos. Isso é evidenciado em Michel de La Courbe, que afirma que em uma conferência com o Brac do Saalum “perguntei-lhe onde os negros não estavam tirando proveito desta goma-arábica, já que tendo em seu país, porque eles não vão pegá-la, ele me disse, por toda razão, que seus pais e avós nunca haviam feito esse comércio” (La Courbe, 1685, p. 167).¹³ Como se percebe, quando o francês trata com o máximo mandatário do Saalum o motivo de seus subordinados não irem extrair a goma-arábica para vender aos franceses, o Brac associa ao simples fato de que não era um costume de seus antepassados.

Isso não significa, porém, que os agentes senegambianos não eram diretamente beneficiados por este comércio, mesmo sem dele participar diretamente. Michel de La Courbe, descrevendo uma conferência que teve com a esposa do Brac, afirmou:

les voir disputer a qui en mettroit ; il faisoient des cris, des postures et des contorsions estranges, et lorsqu'on les avoit payés, ils n'avoient pas moins de difficultés de diviser leur toille entre eux.

¹³ Tradução nossa: Je me souviens, a ce propos, qu'ayant entendu dire la même chose au roy Brac, je luy demanday d'où vient que les nègres ne profitoient pas de cette traite de gomme arabique, puisque en ayant dans leur pays, il ne tenoit qu'a eux de l'aller cueillir, il me dit pour toute raison que leurs pères ny leurs grands pères n'avoient jamais fait ce commerce.

Depois de fazê-los entrar na corte, fiz com que ficassem abaixados e sentassem-se diante deles; ela me fez dizer que seu filho lhe mostrou a boa recepção que eu lhe fizera, ela resolveu vir e me ver, a fim de manter o bom entendimento que havia entre nós, e que ela me trouxera um boi de que ela me fez presente; sua nora me fez seu elogio e todo o resto se seguiu até a guia; Eles me disseram que o rei logo viria me ver e me trazer uma grande caravana de goma arábica (La Courbe, 1685, p. 171).¹⁴

Temos aí uma evidência importante. Embora não mandasse seus subordinados irem buscar a goma-arábica, os agentes senegambianos, como o Brac, tinham goma-arábica para ser vendida. Ainda descrevendo suas tratativas com o mandatário do Saalum, afirmou Michel de La Courbe (1685, p. 171-175):

No dia 16 de maio, o rei Brac, tendo vindo me ver com várias grandezas, trouxe-me seis cativos; ele me fez acreditar que eles estavam com ele, que eles tinham idade suficiente para ganhar o que eu prometi a ele, caso ele me trouxesse para lá; ele me pediu também o pagamento de seus quintais de goma; pois em cada quintal que é medido, ele tem o direito de levar cinco bolas de goma do maior e ele coloca um homem para ela, e quando ele tem um quintal, ele pede o pagamento, ele me pediu também dar a ele o valor de três ou dois quintais, sob a condição do que pode pertencer a ele, e o valor de um cativo. Tive dificuldade em resolvê-lo, porque dar a essas pessoas é tão perdido, mas me atormentou tanto que não pude dispensar.¹⁵

O Brac não mandava seus subordinados irem extrair a goma-arábica, mas a possuía. Isto porque a cada tratativa da mercadoria, ele tinha direito de recolher uma quantidade do produto como imposto. O mesmo La Courbe afirma que os agentes atlânticos tinham que pagar impostos anuais ao Brac, na quantia de dez quintais de goma a cada ano (La Courbe, 1685, p. 176). Isto nos evidencia que além de cobrar impostos dos agentes europeus para fazer comércio em seu território, os mandatários senegambianos também se utilizavam desta seara com agentes saarianos.

Essa prática de taxar a utilização dos portos para realização de comércio é uma evidência tanto do poder econômico quanto do poder político das chefaturas africanas na era Moderna. Essa taxação independia da origem do comerciante estrangeiro. O cabo-verdiano André Donelha afirma que: “detendo-se aqui dois dias [no porto de Jagra no rio Gâmbia para comerciar], deixando alguma pessoa do navio com fazenda para resgatar, pagando ao rei a dádiva que é os direitos ordinários, que é uma peruleira de vinho ou sua valia” (Donelha, 1625, p. 142). Em seu relato sobre uma viagem aos rios Senegal e Gâmbia, os ingleses Richard Rainolds e Thomas Dassel fazem uma descrição semelhante: “eu fui para a via de Rufisque: onde eu enviei aos alcaides interpretes, que vieram abordo, e

¹⁴ Tradução nossa: Les ayant fait entrer dans la cour, je les fis asseoir sous un petit abry et m'assis devant elles ; elle me fit dire que son fils luy ayant témoigné la bonne réception que je luy avois fait, elle avoit pris resolution de me venir voir, pour entretenir la bonne intelligence qui estoit entre nous, et qu'elle m'avoit amené un boeuf dont elle me fais oit présent ; sa bru me fit aussy son compliment et toutes les autres ensuite, jusqu'à la guiriote ; elles me dirent que le roy devoit bientost me venir voir et m'amener un grand caravanne, ou chemin de gomme arabique.

¹⁵ Tradução nossa: Le 16 May, le roy Brac, estant venu me voir avec plusieurs grands, m'amenas six captifs ; il me fit croire qu'ils estoient a luy, quoyqu'ils fussent assez grands afin de gagner ce que je luy avois promis en cas qu'il m'en amenast ; il me demanda aussy le payement de ses quintaux de gomme ; car, sur chaque quintal qui se mesure, il a droit de prendre cinq boules de gomme des plus grosses et il met un homme pour ela, et lors qu'il en a un quintal, il en demande le payement, il me pria aussy de luy prester la valeur de trois ou deux quintaux, sur état de ce qui luy pouroit appartenir et la valeur d'un captif. J'eus de la peine a m'y résoudre, parce que de prester a ces gens la, c'est autant de perdu, mais il me tourmenta tant que je ne pus m'en dispenser.

receberam de mim os impostos do rei para ter tráfico livre com os negros”¹⁶ (Rainolds; Dassel, 1591, p. 3).

O flamengo Pieter de Marees escreveu sobre o pagamento de impostos para a ancoragem aos Mandingas no rio Gâmbia “quando qualquer navio vem ao continente, vem um superior à bordo de uma canoa, para ter o pagamento de ancoragem, o que fazemos comumente com três barras de ferro”¹⁷ (De Marees, 1605, p. 3). O francês Claude Jannequin também teve que pagar os impostos ao Damel do Kaajor: as “condições acordadas, ele [o capitão da embarcação] reenviou esses embaixadores aos seus mestres, dando ao Damel os costumes ordinários que ele lhe dá”¹⁸ (Jannequin, 1643, p. 61).

Este aspecto da cobrança de impostos por parte dos mandatários senegambianos era tão premente que é recorrente também nas tradições orais. Em um relato que narra a história da unidade política de Wuli, no rio Gâmbia, especificamente sobre o comércio dos diula, há a informação de que o mandatário local coletava impostos em roupas, dinheiro, armas e vinho. Na mesma tradição, o informante diz que quando as vendas acabavam, os navios concediam ferro ao Mansa de Wuli e era assim que o mandatário obtinha riqueza¹⁹. A informação de que o Mansa de Wuli obtinha riqueza coletando impostos se repete em outra tradição oral, acrescentando-se que se obtinha impostos dos comerciantes marítimos e dos comerciantes locais que vinham por terra²⁰.

Esses pagamentos de direitos por parte dos europeus aos mandatários senegambianos são descritos à parte dos escritos sobre as trocas comerciais. Isso serve também para entendermos a soberania política e comercial dos mandatários africanos. Não existem imposições europeias para a realização do comércio, que era feito de comum acordo e sujeito ao pagamento dos direitos por parte dos comerciantes europeus. Esta taxação era parte das normas internas para a realização do comércio na Senegâmbia. Esta argumentação é corroborada pela análise de Toby Green, que escreve que os europeus precisavam pagar impostos na chegada aos portos senegambianos e que essas taxas eram aproximadamente um quarto do valor total das mercadorias em cada navio (Green, 2019, p. 80-81).

Não era diferente com o comércio de goma-arábica. A *commodity*, apesar de não ser extraída por agentes senegambianos, os beneficiava diretamente. Em específico, os mandatários senegambianos, mormente os wolofs, se beneficiavam do comércio da mercadoria ocorrer em seu território, ao recolher taxações que podiam ser pagos em goma-arábica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A argumentação deste artigo é que mesmo no comércio de *commodities* cuja produção não era realizada pelos agentes que habitavam ou tinham poder político na Senegâmbia, como é o caso da goma-arábica, era perceptível a força do poder político dos mandatários locais. Isto se evidencia ao passo que os agentes europeus e agentes de

¹⁶ Tradução nossa: “I went to the road of Refisca: where I sent for the alcaides interpreters, who came thither aboard, and received of me the kings duties for to have free traffike with the Negros”.

¹⁷ Tradução nossa: “quand quelques navires abordat viennent incontinent telz superieurs a bord avec une canoe, pour avoir l'argent d'ancrage, on donne comunement troix barres de fer”.

¹⁸ Tradução nossa: “Conditions accordées, il renvoya ces Ambassadeus, vers leurs maistres, donnant à celui de Damel, les coustumes ordinaires qu'il souloit luy donner”.

¹⁹ NCAC, Department of Literature, Performing and Fine Arts. Tape 163/A. Informante: Não informado; Tópico: Mandinka History/ Music Wuli. National Troupe; Date: S/D; Local da entrevista: Não informado, p. 9 e 35.

²⁰ NCAC, Department of Literature, Performing and Fine Arts. Tape 163/A. Informante: S. Jaata. Tópico: Mandinka History/ Famous Individuals/ Berendinf family; Date: S/D; Local da entrevista: Não informado, p. 8.



outras regiões do continente africano tinham que ceder e pagar impostos e tributos pela simples realização de comércio em seus portos.

Uma conclusão secundária é evidenciar a complexidade do comércio entre agentes atlânticos e agentes africanos. Embora, naturalmente, o comércio de pessoas escravizadas movido pela demanda branca seja um dos maiores traumas coletivos da história da humanidade e deva ocupar um local de destaque nos estudos sobre a África, os africanos e sua relação com agentes atlânticos, é necessário ressaltar que este não foi o único comércio realizado no continente africano durante o período Moderno. As *commodities* que circulavam neste comércio eram variadas: na Senegâmbia, além da goma-arábica, podemos pontuar o couro, o marfim, o ouro, o sal, o algodão, os panos de algodão e a cera de abelha como mercadorias de intensa circulação entre os séculos XV e XVIII.

Ainda assim, precisamos também pensar em como essas mercadorias compradas por europeus em África por vezes eram produzidas por pessoas que eram escravizadas no continente. Falando sobre o século XIX, em um artigo que pensa o comércio de Goma Arábica como uma espécie de prelúdio à colonização francesa no Senegal, James Webb (1985, p. 154) argumenta que:

A colheita e venda da goma era responsabilidade dos grupos de pastores zawayá e de seus clientes. Os bosques de goma ficavam muitas vezes a alguma distância dos acampamentos zawayá e dos seus rebanhos, e um padrão comum era os zawayá enviarem grupos de cinquenta escravos, para os bosques onde se estabeleceriam perto de um poço. Lá eles construíam cabanas, comiam e dormiam durante a colheita. Os mestres geralmente forneciam animais leiteiros, um balde de couro e uma corda para tirar água do poço. Mas as semanas nos bosques de goma eram muitas vezes de escassez, e os escravos comiam a goma das árvores durante a colheita.²¹

Como se percebe, Webb (1985) está argumentando que eram pessoas escravizadas que realizavam a colheita de goma. Embora as fontes que trabalhamos para o século XVII não nos permita ter certeza de que eram pessoas escravizadas que extraíam a goma, é notório que agentes do comércio de longa distância, como os jaxanke, traziam consigo escravizados que tinham como função servi-los em tarefas básicas (Jobson, 1621, p. 121). Além disso, também há evidências que trabalhos agrícolas eram realizados majoritariamente por pessoas escravizadas na Senegâmbia, como no caso das plantações de algodão na região de Cacheu (Marie, 1695, p. 202-203). Neste sentido, Philip Curtin argumenta que dentre os jaxanke, o cultivo de algodão e a tecelagem eram realizados por pessoas escravizadas (Curtin, 1975, p. 213). Judith Carney, por sua vez, argumenta que escravizados eram utilizados em plantações de arroz e cereais (Carney, 2001, p. 69). Podemos, assim, inferir que não é improvável que pessoas escravizadas fossem utilizadas internamente também na extração de Goma Arábica.

Além disso, é muito importante ter o entendimento de que mesmo mercadorias de demanda atlântica, como é o caso da goma arábica, podiam possuir usos internos ao continente africano e que a demanda atlântica não inviabilizava, de maneira alguma, que estas *commodities* permanecessem sendo importantes e utilizadas no continente africano.

²¹ Tradução nossa: The harvesting and sale of the gum was the province of the zawayá herding groups and their clients. The gum groves were often at some distance from the zawayá camps and their herds, and a common pattern was for the zawayá to send groups of slaves, numbering up to fifty or so, to the groves where they would establish themselves near a well at the grove's perimeter. There they built huts, ate, and slept for the duration of the harvest. Masters generally provided milch animals and a leather bucket and rope to draw water from the well. But the weeks at the gum groves were often lean ones, and the slaves ate gum off the trees as they harvested.

Por fim, é importante ressaltar que por muito tempo, os estudos sobre a África e sobre os africanos no período moderno foram confinados no “local da cultura” (Bhabha, 1998) ou sempre pelo prisma da escravidão. Considero importante evidenciar estes outros aspectos da História africana, como aqueles encerrados dentro do campo político e do campo econômico *per si* e do comércio para além do comércio de pessoas escravizadas. Ainda que pareça uma obviedade, permanece sendo importante evidenciar a História da África em sua complexidade e em seus mais diversos aspectos.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, André Á. Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo Verde dês do Rio Sanagá até os Baixos de Santa Ana. IN: BRÁSIO, Antonio. *Monumenta Missionária Africana*, s. II, v. 3, d092, 1594.
- AUSTEN, Ralph. *Trans-saharan Africa in World History*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BAH, Idrissa. Le commerce transsaharien et ses logiques d'accommodation par rapport au commerce transatlantique entre le XVe et le XIXe siècle. *Varia Historia*, v. 36, n. 71, p. 329-360, 2020.
- BARRY, Boubacar. *Senegambia and the Atlantic Slave Trade*. Cambridge: University Press, 2002.
- BATUTA, Ibn. The Country of the Blacks. In: GIBB, H; BECKINGHAM, C. *The Travels of Ibn Batuta*. London: The Hakluyt Society, 2010.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOULÈGUE, Jean. *Les royaumes wolof dans l'espace sénégalais* (XIIIe-XVIIIe siècle). Paris: Editions Karthala, 2013.
- BOVILL, Edward. *The Golden Trade of the Moors*. London: Oxford University Press, 1958.
- BROOKS, George. *Landlords & Strangers: Ecology, Society, and Trade in Western Africa, 1000-1630*. Colorado: Westview Press, 1993.
- CARNEY, Judith. *Black Rice: The Origins of Rice Cultivation in the Americas*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- COELHO Francisco. *Duas descrições seiscentistas de Guiné*. Lisboa: Academia de História Portuguesa, [1669-1684] 1953.
- CURTIN, Phillip D. *Economic Change in Precolonial Africa: Senegambia in the Era of the Slave Trade*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1975.
- DE MAREES, Pieter. Description et récit historique du riche royaume d'or de Guinée, autrement nommé la Côte d'or de Mina, gisant en certain endroit d'Afrique. Amsterdã: Comille Cheflon, 1605.
- DIAS, Eduardo C.; HORTA, José da S. La Sénégalie: un concept historique et socioculturel et un objet d'étude réévalués, *Mande Studies*, n. 9, 2007.
- DONELHA, André. Memorial de André Donelha a Francisco Vanconcelos da Cunha. IN: BRÁSIO, Antonio. *Monumenta Missionária Africana*, s. II, v. 5, d036, 1625.

FIELDS-BLACK, Ezra. *Deep Roots: Rice Farmers in West Africa and the African Diaspora*. Indianapolis: Indiana University Press, 2008.

FROGER, François. *Relation D'Un Voyage Fait en 1695, 1696, & 1697, aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brezil, Cayenne & Isles Antilles, par une Escadre des Vaisseaux du Roy, Commandée par M. De Gennes*. Paris: Michel Brunet, 1698.

GEBARA, Alexsander; MARQUES, Ricardo. Introdução: uma pequena coleção de história das mercadorias. In: GEBARA, Alexsander; MARQUES, Ricardo. *História das Mercadorias: trabalho, meio-ambiente e capitalismo mundial (Séculos XVI-XIX)*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2023.

GREEN, Toby. *A Fistfull of Shells: West Africa from the Rise of the Slave Trade to the Age of Revolution*. Chicago: Chicago University Press, 2019.

HORTA, José da S.; MARK, Peter. *The Forgotten Diaspora: Jewish Communities in West Africa and The Making of the Atlantic World*. New York: Cambridge University Press, 2011.

JANNEQUIN, Claude. *Voyage de Libye au royaume de Senegal, le long du Niger : avec la description des habitants qui sont le lon de ce fleuve, leurs côutumes et façons de vivre, les particularités les plus remarquables de ces pays*. Paris: Gallica, 1643.

KRUMREICH, Fernanda *et al.* Análises físico-químicas e estabilidade de compostos bioativos presentes em polpa de uvaia em pó obtidos por métodos de secagem e adição de maltodextrina e goma arábica. *Revista Thema*, v. 14, n. 2, p. 4-17, 2016.

LA COURBE, Michel. *Le premier voyage du sieur de La Courbe Fait à la Coste d'Afrique en 1685*, Paris: Société d'Histoire des Colonies Françaises, 1913.

LAVANHA, João B. Relação do Porto de Rio Senegal. In: FARIA, Francisco. Relação do Porto de Rio Senegal por João Baptista Lavanha. *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa*, v. XIX, n. 55, p. 359-371, [1600], 1959.

LE MAIRE, Jacob. *Les voyages du sieur Le Maire aux Isles Canaries, Cap Vert, Sénégal et Gambie*, Paris: Jacques Collombat, 1695.

MALACCO, Felipe. O Comércio Atlântico de Couro na Senegâmbia: 1580-1700, *Abe-Africa: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos*, v. 3, n. 03, p. 237-258, 2019.

MALACCO, Felipe. *História Social do Comércio na Senegâmbia: Espaço e Agência Local*. 2023. 279 f. Tese (Doutorado em História Social de Cultura). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

MARINHO, Christine *et al.* Efeito da adição de goma arábica e carboximetilcelulose na estabilização tartárica e características do vinho branco monovarietal da casta Avesso. *Vinhos do Alentejo*, p. 1-2, 2016.

NCAC, Department o of Literature, Performing and Fine Arts. *Tape 163/A*. Informante: S. Jaata. Tópico: Mandinka History/ Famous Invididuals/ Berendinfg family; Date: S/D.

RAINOLDS, Richard; DASSEL, Thomas. *The Voyage of Richard Rainolds and Thomas Dassel to the Riuers of Senega and Gambra Adioning Vpon Guinea, 1591 with a Discourse of the Treasons of Certaine of Don Antonio his Seruants and Followers*. Disponível em: <https://ebooks.adelaide.edu.au/h/hakluyt/voyages/v11/chapter66.html>.

RIBEIRO, Lucas. *As Sociedades Gomeiras do Vale do Rio Senegal (1785-1840)*. 2023. 65 f. Monografia (Bacharelado em História). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2023.

SILVA, Marinete *et al.* Inoculantes formulados com polímeros e bactérias endofíticas para a cultura da cana-de-açúcar. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, v. 44, n. 11, p. 1437-1443, 2009.

STOLS, Eddie. The Expansion of the Sugar Market in Western Europe. In: SCHWARTZ, Stuart. *Tropical Babels: Sugar and the Making of the Atlantic World, 1450–1680*. London: The University of North Carolina Press, p. 237-288, 2004.

STRUM, Daniel. *O Comércio do Açúcar: Brasil, Portugal e Países Baixos (1595-1630)*, Rio de Janeiro: Versal Editores, 2014.

TOPIK, Steven; MARICHAL, Carlos; FRANK, Zephyr. *From Silver to Cocaine: Latin American Commodity Chains and the Building of the World Economy, 1500-2000*. Durham: Duke University Press, 2006.

VALDUGA, Alice *et al.* Secagem de Extratos de Erva-Mate em Secador por Atomização. *Ciência e Tecnologias Alimentares*, v. 23, n. 2, p. 194-189, 2003.

VILLAULT, Nicolas. Relation des costes d'Afrique appelées Guinée: avec la description du pays, moeurs et façons de vivre des habitans, des productions de terre et des marchandises qu'on en apporte... le tout remarqué dans le voyage qu'il y a fait en 1666 et 1667. Paris. 1669.

WEBB, James. The Trade in Gum Arabic: Prelude to French Conquest in Senegal. *The Journal of African History* v. 26 n. 2-3, p. 149-168, 1985.

WRIGHT, John. *The Trans-Saharan Slave Trade*. London: Routledge, 2007.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Felipe Silveira de Oliveira Malacco: Doutor, Professor Substituto, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, MG, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua João Samaha, 1385, apto 402, bloco 2, Bairro São João Batista, 31520-100, Belo Horizonte, Minas Gerias, Brasil.

ORIGEM DO ARTIGO

Extraído da tese *História Social do Comércio na Senegâmbia: Espaço e Agência Local*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Vanicléia Silva Santos, orientadora de doutorado, e as (aos) professoras(es) Lucilene Reginaldo, Mariana Pinho Cândido, Jose Augusto Nunes da Silva Horta, Toby Green e Thiago Henrique Mota, pelas ricas observações enquanto membros da banca de avaliação do doutorado, bem como pelas trocas durante todo o processo de confecção da tese.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção do estudo, coleta de dados, análise dos dados, discussão de resultados, revisão e aprovação: Felipe Silveira de Oliveira Malacco.



FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Felipe Silveira de Oliveira Malacco. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITOR

Fabio A. Morales.

HISTÓRICO

Recebido em: 9 de fevereiro de 2024

Aprovado em: 29 de abril de 2024

Como citar: MALACCO, Felipe S. de O. Goma-arábica: produção saheliana, demanda atlântica, poder senegambiano (séc. XVII). *Esboços*, Florianópolis, v. 31, n. 57, p. 162-178, 2024.

